

O CONCEITO DE TERRITÓRIO NO ROMANCE *ON THE ROAD*

Daniel de Souza Lopes¹

Resumo: Procuram-se pontos de ressonância entre o conceito de território de Deleuze e Guattari e o romance *On the road*, de Jack Kerouac, mas também Allen Ginsberg, Lawrence Ferlinghetti e William Burroughs. Para Deleuze, o mais instigante na literatura de língua inglesa, principalmente na norte-americana, é seu imenso potencial de desterritorialização, sua ânsia de cruzar fronteiras: o Oeste mítico a ser sempre buscado mais além. Se por um lado temos a desterritorialização geográfica, o constante viajar, a ânsia de cruzar fronteiras; por outro, temos também a desterritorialização do *socius*, os muitos agenciamentos que a viagem proporciona, o mergulho em devires outros. Buscando convergir o conceito de território e dois de seus componentes, desterritorialização e reterritorialização, com a construção romanesca de Jack Kerouac em *On the road*, percebemos que o livro estabelece uma relação de tensão entre esses dois polos: para cada viagem de desterritorialização, há um posterior retorno ao lar, uma reterritorialização. A estrada ora aparece como pérola, espaço propício à despersonalização e aos bons encontros, ora aparece como pesadelo, momento em que o narrador retorna ao espaço doméstico reconhecido.

Palavras-chave: Beat; território; desterritorialização.

Introdução

Nesta comunicação, procuraremos encontrar pontos de ressonância entre o conceito de território de Deleuze e Guattari e o romance *On the road*, de Jack Kerouac. Deleuze conheceu a literatura da *beat generation* e, frequentemente, cita não só Kerouac, mas também Allen Ginsberg, Lawrence Ferlinghetti e William Burroughs. Para Deleuze, o mais instigante na literatura de língua inglesa, principalmente na literatura norte-americana, é seu imenso potencial de desterritorialização, sua ânsia de cruzar fronteiras: o Oeste mítico a ser sempre buscado mais além. Se por um lado temos a desterritorialização geográfica, o constante viajar, a ânsia de cruzar fronteiras; por outro, temos também a desterritorialização do *socius*, os muitos agenciamentos que a viagem proporciona, o mergulho em devires outros. Buscando convergir o conceito de território e dois de seus componentes, desterritorialização e reterritorialização, à construção romanesca de Jack Kerouac em *On the road*, percebemos que o livro estabelece uma relação de tensão entre dois polos contrários. Para cada viagem, que relacionamos à desterritorialização, há um posterior retorno ao lar, uma reterritorialização. A estrada ora aparece como pérola, espaço propício à despersonalização e aos bons encontros, ora aparece como pesadelo, momento em que o narrador retorna ao espaço doméstico reconhecido e à proteção sob os braços da tia.

1. Desterritorialização e reterritorialização

Para Deleuze e Guattari, a Terra não cessa de operar um movimento de desterritorialização *in loco*, pelo qual ultrapassa todo território. Ela é a grande desterritorializada e a grande desterritorializante.

Ela [a Terra] se confunde com o movimento daqueles que deixam em massa seu território, lagostas que se põem a andar em fila no fundo da água, peregrinos ou cavaleiros que cavalgam numa linha de fuga celeste. A Terra não é um elemento entre outros, ela reúne todos os elementos num mesmo abraço, mas se serve de

¹ Mestrando em Filosofia (UNIFESP). E-mail: carlos.cunha03@gmail.com.

um ou de outro para desterritorializar o território. Os movimentos de desterritorialização não são separáveis dos territórios que se abrem sobre um alhures, e os processos de reterritorialização não são separáveis da Terra que restitui territórios, são dois componentes, o território e a Terra, com suas zonas de indiscernibilidade, a desterritorialização (da Terra) e a reterritorialização da Terra ao território. (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 103)

Como vimos no fragmento acima, tudo o que ocorre sobre a Terra é desterritorialização e reterritorialização. Mas, afinal, o que Deleuze e Guattari querem dizer quando usam as palavras desterritorialização e reterritorialização?

Grosso modo, podemos afirmar que a desterritorialização é o movimento pelo qual se abandona o território e a reterritorialização é o movimento de construção de um novo território. Num primeiro movimento, os agenciamentos se desterritorializam e, num segundo, eles se reterritorializam como novos agenciamentos maquínicos de corpos e novos agenciamentos coletivos de enunciação.

Desterritorialização e reterritorialização são processos indissociáveis. Se ocorre um movimento de desterritorialização, teremos também um movimento de reterritorialização. Este movimento concomitante de desterritorialização e reterritorialização está expresso no fragmento anterior, extraído de *O que é a filosofia?*, mas também, e de forma ainda mais esclarecedora, no primeiro teorema da desterritorialização ou proposição maquínica, no volume três da tradução dos *Mil platôs*. Lá, assim os autores se manifestam:

Jamais nos desterritorializamos sozinhos, mas, no mínimo, com dois termos: mão-objeto de uso, boca-seio, rosto-paisagem. E cada um dos dois termos se reterritorializa sobre o outro. De forma que não se deve confundir a reterritorialização com o retorno a uma territorialidade primitiva ou mais antiga: ela implica necessariamente um conjunto de artifícios pelos quais um elemento, ele mesmo desterritorializado, serve de territorialidade nova ao outro que também perdeu a sua. Daí todo um sistema de reterritorializações horizontais e complementares, entre a mão e a ferramenta, a boca e o seio. (DELEUZE; GUATTARI, 1996, p. 41)

Podemos até nos reterritorializar voltando para o mesmo espaço geográfico, mas não nos reterritorializamos por isso e sim porque um elemento desterritorializado serve de territorialidade nova ao outro que também perdeu a sua.

No terceiro teorema, Deleuze e Guattari relacionam as intensidades no processo de “des-reterritorialização” e estabelecem uma distinção entre os dois tipos de desterritorialização: a desterritorialização relativa e a desterritorialização absoluta.

A desterritorialização relativa diz respeito ao *socius*. Esta desterritorialização é o abandono de territórios criados nas sociedades e sua concomitante reterritorialização. A desterritorialização absoluta é a desterritorialização do pensamento. A distinção entre os dois tipos de desterritorialização não quer dizer que elas aconteçam de maneira estanque, isolada. Os dois processos relacionam-se, articulam-se. Além disso, devemos ressaltar mais uma vez que, para os dois movimentos, existem também movimentos de reterritorialização relativa e absoluta. Em *O que é a filosofia?*, Deleuze e Guattari voltam ao tema e, de maneira clara, assim o descreve:

Física, psicológica ou social, a desterritorialização é *relativa* na medida em que concerne à relação histórica da terra com os territórios que nela se desenham ou se apagam, sua relação geológica com eras e catástrofes, sua relação astronômica com o cosmos e o sistema estelar do qual faz parte. Mas a desterritorialização é *absoluta* quando a terra entra no puro plano de imanência

de um pensamento – Ser, de um pensamento – Natureza com movimentos diagramáticos infinitos. Pensar consiste em estender um plano de imanência que absorve a terra (ou antes a “adsorve”). A desterritorialização de um tal plano não exclui uma reterritorialização, mas a afirma como a criação de uma nova terra por vir. Resta que a desterritorialização absoluta só pode ser pensada segundo certas relações, por determinar, com as desterritorializações relativas, não somente cósmicas, mas geográficas, históricas e psicossociais. Há sempre uma maneira pela qual a desterritorialização absoluta, sobre o plano de imanência, toma lugar de uma desterritorialização relativa num campo dado. (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 107)

Em *On the road*, as duas formas de desterritorialização articulam-se, perpassam uma a outra, uma vez que Kerouac se desterritorializa de maneira relativa (desterritorialização geográfica), as viagens, a estrada, para então se desterritorializar de forma absoluta: a criação artística, a criação literária, o livro mesmo. Embora parta de personagens que realmente existiram, Kerouac modifica-os, desterritorializa-os, transforma-os em personagens literários. Num artigo para a revista Rolling Stone, William Burroughs assim abordou tal questão:

A escrita de Kerouac é uma mistura indistinguível, homogênea, daquilo que chamamos realidade e de criação ficcional. Os leitores geralmente supõem que as narrativas de Kerouac tratam de acontecimentos e pessoas reais. Se levarmos em consideração que seus personagens funcionam como contrapartida, alter-egos, de Neal Cassady, Allen Ginsberg, Carolyn Cassady, pessoas que, de fato, existiram, isto é verdade. Mas, uma vez escritos em seus livros, eles se tornam parte do jogo ficcional. Ele pode me equipar com um fundo fiduciário que eu nunca tive e retratar Neal como um falante compulsivo. Dirigi com Neal por oito horas, no curso das quais nenhum de nós disse uma palavra.²

A criação literária pode ter origem no mundo “real”, mas o extrapola, à medida que dá a luz a uma nova realidade: a própria realidade do texto que faz subsumir sob a palavra o mundo mesmo como nos é dado, as pessoas de carne e osso, dão lugar a pessoas-palavra.

2. A Estrada como desterritorialização e despersonalização

É constante, em *On the road*, o envolvimento de Sal Paradise em episódios que acarretam êxtases de expressão, de conduta e de sexualidade. Em contrapartida, há a vida doméstica de Sal que é pouco explorada no enredo e que consiste em viver sob as ordens de sua tia, trabalhar duro em seus escritos, ou participar de encontros familiares, nos quais as pessoas passam o tempo “conversando em voz grave e aborrecida sobre o tempo e as colheitas e aquela usual e tediosa recapitulação sobre quem tinha tido bebês, quem comprara uma nova casa e assim por diante...” (KEROUAC, 2004a, p. 142) A vida doméstica é estática, ou melhor, circular, gira ao redor das rotinas mencionadas. A estrada, por outro lado, parece

² O excerto faz parte do artigo *Heart Beat: Fifties Heroes as a Soap Opera*, escrito por William S. Burroughs e publicado na revista Rolling Stone de 24 de janeiro de 1980. O trecho foi traduzido por mim. O original é: “Kerouac’s writing is an inextricable mixture of so-called fact and fiction that calls both into question. It is generally assumed by his readers that talking about actual events and actual people. In the sense that his characters do have counterparts - that Neal Cassady, Allen Ginsberg, Carolyn Cassady existed - this is true. But once written into his books, they are fair game. He can equip me with a trust fund I never had, and depict Neal as a compulsive talker. I have driven for eight hours with Neal Cassady, in the course of which neither of us said a word.”

oferecer ao narrador novas possibilidades no que se refere às noções de tempo e espaço, aos relacionamentos interpessoais e aos êxtases sensoriais.

Apesar da orientação comercial presente na estrada por meio de postos de gasolina, hotéis e o comércio das pequenas cidades, Sal parece sempre disposto a reduzir ao mínimo o consumo e sua participação na ordem econômica vigente. A estrada funciona para o narrador-personagem não como um espaço para o consumo, mas como lugar propício ao encontro e o anonimato. Ao invés do consumo competitivo característico da sociedade estadunidense, a estrada é o lugar da partilha, da carona e de outras transações não comerciais.

Durante todo o romance é notória a resistência de Sal a participar da sociedade de consumo. Os empregos, ou melhor, subempregos, do narrador são um exemplo disso. Ao longo de toda a narrativa, não há a menor menção a um emprego “sério”. Sal não quer seguir qualquer carreira, não almeja um bom emprego, não tem qualquer profissão. Ao invés disso, contenta-se em fazer pequenos trabalhos. Um emprego seria como uma âncora, um território, algo que fixaria o narrador num espaço delimitado e o impediria de partir e de se desterritorializar. Claro que tal resistência quanto a encontrar um trabalho “sério” muitas vezes é subsidiada pelos cheques que sua tia envia nos momentos de maior necessidade. Não ter uma carreira abre ao narrador a possibilidade de partir, de buscar a desterritorialização.

Outro ponto que não poderíamos deixar à margem, quando tratamos da questão da resistência ao consumo exacerbado no romance, é o ritmo das viagens. Durante as travessias aos Estados Unidos, Dean costuma dirigir em velocidades altíssimas, o que podemos tomar também como uma forma de resistência ao consumo, uma vez que é praticamente impossível fechar negócios ou realizar qualquer tipo de transação financeira a cento e sessenta quilômetros por hora. No México, por outro lado, Dean dirige devagar, observando a paisagem, o povo indígena, as formas sociais ainda fixadas ao corpo da terra, não tocadas pelo capitalismo. No cenário em que se passa o romance, os Estados Unidos do pós-guerra, uma década em que a economia estadunidense havia mudado em larga escala da produção para o consumo, Kerouac prefere oferecer êxtases sensoriais na estrada em vez de hábitos comerciais.

Além dos encontros que a estrada proporciona, outro aspecto que chama a atenção são as longas conversas que Dean e Sal mantêm enquanto o automóvel se desloca, sempre em altíssimas velocidades. O que domina a discussão entre as personagens são suas visões da infância. No espaço doméstico, tais discussões seriam impossíveis, uma vez que a presença opressora da tia os impediria. Em contraste com o espaço doméstico, o constante movimento na estrada parece oferecer uma espécie de bolha, um invólucro separado do mundo adulto e de presenças adultas como a da tia, e a das esposas de Dean, por exemplo. Na estrada, os personagens parecem livres de responsabilidades. Sobre os bancos do carro, as memórias fluem: fantasias, visões, histórias dos tempos que Dean passou no reformatório, palhaçadas, episódios pelos quais Dean passou com o seu pai na estrada. Sempre na estrada.

Kerouac pensa, portanto, a estrada não por causa dos destinos possíveis. O caminho é o próprio destino, espaço longe das pressões do mundo adulto, responsável, consumista:

“Ufa, Sal, temos que ir e não podemos parar de ir até chegar lá.” “Chegarmos onde, homem?”

“Não sei, mas temos que ir.” (KEROUAC, 2004a, p. 293).

A estrada é lugar destinado à imaginação, à criação e, principalmente, ao encontro. Espaço destinado ao recordar e ao perder-se.

O automóvel não é apenas um lugar para lembrar a infância. Protegidos pelo anonimato da estrada, ambos sentem-se livres também para deixar que blocos de infância os atravessem. Em

determinados momentos da narrativa, os amigos agem como crianças - crianças livres, crianças arterias – quando os adultos não estão por perto. Em pouco mais de quatro anos de viagem, Sal e Dean foram parados poucas vezes pela polícia. Fato inusitado, uma vez que Dean, na maioria das vezes, dirigia acima do limite permitido. Além disso, frequentemente, as personagens praticam, impunemente, pequenos furtos para seguirem viagem. Ao contrário de Dean, para quem as leis parecem existir unicamente para serem burladas, Sal compreende que as leis são necessárias, mas seu desejo de viver além delas parece ser mais forte. Em uma conversa com outro vigilante, durante seu trabalho junto a Remi Boncouer em Mill City, Sal concorda, em determinado momento, que a lei e a ordem devem ser mantidas, entretanto continua com certa ambivalência: “Eu não sabia o que dizer, ele tinha razão; só que tudo o que eu pretendia era escapulir à noite e desaparecer nalgum lugar, sumir e descobrir o que todos estavam fazendo espalhados pelo país.” (KEROUAC, 2004, p. 93) Como mostra o fragmento, a estrada à noite, dá as personagens a chance de desaparecer, de tornarem-se anônimos, de perderem a identidade, de dissolverem o eu, de transgredirem as leis socialmente impostas. O ponto máximo deste tipo de comportamento ocorre no momento em que Sal, Dean, e a mulher de Dean, Marylou, decidem seguir viagem completamente nus, surpreendendo outros motoristas, o que poderia facilmente acarretar um acidente. Dean é um irresponsável. Irresponsável irresistível que trata as estradas norte-americanas como um imenso parque de diversões. Na maior parte do tempo, Sal, o narrador, parece voltar um olhar favorável às traquinagens autoindulgentes de Dean ao volante, mas o anseio por transpor limites e quebrar normas sociais, por desterritorializar-se, enfim, tem dois lados. Por um lado, dá as personagens a possibilidade de se abrirem para as multiplicidades de comportamentos no que se refere às questões de raça, identidade e gênero sexual; por outro, o comportamento das personagens, Dean principalmente, parece ser de um egoísmo exacerbado, voltado para o Uno, o que é extremamente prejudicial para os outros. “Mas estava tudo bem, a estrada é a vida.” (KEROUAC, 2004a, p. 261)

Em *On the road*, a fonte da criatividade está estritamente relacionada à estrada, à desterritorialização e despersonalização que ela proporciona. Para Sal Paradise, aquele que viaja de carona deve estar disposto a perder-se, a abrir-se para o múltiplo. Deve estar sempre pronto a abandonar seus territórios não só físicos, mas também identitários. No início de sua primeira viagem, por exemplo, Sal ainda sonha com o Uno, com o único. Seu desejo é tomar uma única estrada, a Rota 6 e, através dela, cruzar todo o continente: “no mapa rodoviário havia uma longa linha vermelha chamada Rota 6 que conduzia da ponta do cabo Cod direto a Ely, Nevada, e daí mergulhava em direção a Los Angeles. Simplesmente vou ficar na 6 o tempo inteiro até Ely, disse a mim mesmo e confiante dei a partida”. (KEROUAC, 2004a, p. 29) Erro crasso e simbólico, o caroneiro fica encalhado sob a chuva, não é possível viajar, não é possível a desterritorialização seguindo um caminho único, sem abertura para a multiplicidade. A estrada não é arborescente, mas rizomática. Sal então retorna e pega um ônibus para Chicago, tendo aprendido a lição de que a estrada exige flexibilidade, espontaneidade, abertura para o que é heterogêneo, diferente, múltiplo. Os caminhos que compõem a viagem são erráticos, um rizoma; como a vida, desenrolam-se em zigue-zague; como a vida, não levam a um lugar definido, não têm fins teleológicos. Ainda assim, ou melhor, por isto mesmo, é preciso viajar, é preciso viver. No meio do caminho encontramos uma pedra, uma moeda de ouro, outros seres humanos com seus mistérios, flores exóticas que não conhecíamos e, às vezes, deliciosos sorvetes de morango.

Nesta primeira viagem, uma carona que Sal chama de “a mais incrível carona de minha vida” (KEROUAC, 2004a, p. 44) introduz o narrador no carnaval que a estrada de fato é. Nesta carona, os motoristas são dois irmãos, “agricultores de Minnesota, recolhendo toda e qualquer alma solitária que encontrassem estrada a fora”. (KEROUAC, 2004a, p. 44) Entre tais almas solitárias encontram-se vagabundos, ladrões de baixa estirpe, homossexuais. A estrada faz Sal encontrar e confrontar todo um novo fluxo de pessoas. Tal fluxo faz com que o próprio Sal se

despersonalize, que perca a noção de um eu rígido, imutável, que não se movimenta, não sai de seu território. Ao chegar a um hotel em Des Moines, Sal sentencia: “Não fiquei apavorado; eu simplesmente era uma outra pessoa, um estranho e toda a minha existência era uma vida mal-assombrada, a vida de um fantasma”. (KEROUAC, 2004a, p. 35)

O primeiro retorno ao lar, à casa de sua tia, revela uma tremenda mudança em Sal. E ele observa seu lar em Nova York com inocentes olhos de estrada, olhos como de criança, olhos que vêm o mundo pela primeira vez. Mais tarde, depois de cruzar o continente seis vezes, Sal terá conhecido, travado envolvimento, com um imenso número de personagens e com múltiplas formas de subjetividades. De camponeses, a ladrões e policiais; de boêmios a vagabundos e artistas.

3. Estrada, lar e reterritorialização

Até aqui tentamos mostrar de vários modos o quanto Sal e Dean vêm a estrada enquanto espaço no qual se conjugam os mais diversos fluxos e expressões do desejo. A obra de Kerouac enfatiza a liberdade econômica, sexual, racial e criativa que um homem branco podia, naquele momento, encontrar na estrada. Tal liberdade é, inclusive, o que a maioria dos leitores se lembra quando o livro tratado é *On the road*. Nós também acreditamos que os fluxos livres das viagens na estrada, as multiplicidades, enfim, são a parte mais instigante do livro. A obra em si, entretanto, gradativamente, complica tais fluxos de liberdade e estabelece certa tensão quanto à questão do desejo e sua variação entre os polos reacionário e revolucionário.

Paralelamente a cenas alegres e festivas, nas quais transbordam jovialidade, criatividade e desejo, surgem cenas carregadas de melancolia, medo e culpa, culminando com o abandono da estrada por parte do narrador no final do romance. É um erro ler o romance de Kerouac como uma estrada de mão única. Assim como a própria personalidade de Kerouac, também no que se refere à estrada, há uma cisão. Para cada fluxo de desterritorialização, que aqui articulamos aos encontros positivos, há, em contrapartida, um fluxo de reterritorialização.

Deste modo, parece-nos que, por mais empolgante que sejam as viagens, todas elas terminam em desilusão, “desapontamento”, mágoa e o consequente retorno à casa da tia. No final da segunda parte, por exemplo, temos:

Na madrugada peguei meu ônibus para Nova York [a casa da tia] e dei tchau para Dean e Marylou. Eles queriam alguns dos meus sanduíches. Eu lhes disse não. Foi um momento sombrio. Estávamos pensando que nunca mais nos veríamos e não nos importávamos. (KEROUAC, 2004a, p. 222).

Como podemos perceber no fragmento, depois das aventuras na estrada, algo sombrio se instaura, as relações se deterioram, uma reterritorialização é inevitável.

Outro ponto importante, é que, enquanto o enredo do romance cobre apenas a parte da vida de Sal que o narrador chama de vida na estrada, a conclusão revela que aquilo que é tratado no livro é apenas uma fase e que se esgota no próprio romance. Tal fase está, portanto, terminada. No fim da narrativa, Sal renega Dean e tudo o que ele representa junto à estrada, em prol de um concerto de Duke Ellington numa casa de shows luxuosa, para a qual ele e seu amigo Remi Boncoeur se dirigem em uma limusine alugada. De certo modo, no final, a estrada não parece ser o espaço da liberdade, mas do desespero.

O que Sal Paradise mais anseia encontrar na estrada é um espaço livre dos erros, da culpa e das responsabilidades sociais: um parque de diversões, enfim. Se, por um lado, Sal identifica tal espaço à estrada, com seu constante movimento e sua constante desterritorialização; por outro lado, a estrada parece ser o espaço no qual os erros, as cobranças e os medos se

intensificam ainda mais. As personagens passam fome, sofrem momentos de absurda pobreza, a amizade entre Sal e Dean estremece diante das necessidades e das pressões da vida de Sal que, inclusive, se culpa frequentemente por sua conduta libertina na estrada. É o que ocorre, por exemplo, durante sua primeira viagem a Denver:

Lamentava a maneira com a qual eu tinha rompido a pureza de toda minha viagem, sem economizar nem um centavo, desperdiçando totalmente o tempo feito um bestalhão enrabichado por aquela garota estúpida e gastando todo meu dinheiro. Isso me fez ficar furioso. (KEROUAC, 2004a, p. 57).

Como vemos, há a busca por algo que Kerouac chama de “pureza”, entretanto, em meio a uma e outra alegria, entre uma festa e outra, o que emerge é a melancolia, como, por exemplo, no momento em que Dean, Sal e Stan partem para o México. O avô de Stan choraminga o tempo todo pedindo para que o neto não vá. Sal se sente culpado, tanto pelo amigo, quanto por si mesmo que frequentemente abandona sua própria tia, para se juntar a Dean, o qual, por sua vez, deixa suas esposas e filhos pequenos para cair na estrada. Sal, gradativamente, percebe que a estrada não é um parque de diversões. Tal sentimento de culpa, para Sal, não se articula apenas com as pessoas, mas também com os lugares. A viagem ao México, por exemplo, começa com a apocalíptica visão de Sal:

Lá em cima, nas sombras purpúreas da rocha, havia alguém caminhando e caminhando. Alguém que não podíamos ver; talvez fosse aquele velho de cabelos brancos que eu pressentira nos picos anos atrás. Zacatecan Jack. Ele se aproximava cada vez mais de mim, só que sempre um pouquinho atrás. E Denver ia retrocedendo. Às nossas costas, como a cidade de sal, sua névoa dissolvendo-se no ar, sumindo de vista. (KEROUAC, 2004a, p. 324).

Além disso, o poeta Carlo Marx escreve o tempo todo um poema sobre a melancolia de Denver. E a descrição da estrada rumo à cidade do México, quando o calor e os mosquitos atormentam os amigos e eles saem do carro para dormir no meio da floresta indicam tremendo desespero e mal-estar, tanto que Sal adoece ao final desta viagem.

A estrada oscila entre a pérola e o pesadelo.

Considerações finais

De acordo com o primeiro teorema da desterritorialização, ou proposição maquínica, desterritorialização e reterritorialização são processos indissociáveis. Se há um movimento de desterritorialização, teremos também um movimento de reterritorialização. Procurando atravessar, a partir de tais conceitos, a obra de Kerouac, vimos que cada uma das viagens opera um movimento de desterritorialização que busca o múltiplo, o outro, o irreconhecível; por outro lado, em poucas páginas, ao final de cada viagem, há um processo de reterritorialização de busca de um território instaurado, instituído, em suma, previsível. Kerouac produziu uma obra que se estrutura entre dois fluxos opostos. De um lado há o pesadelo sem sentido da estrada, e por que não dizer da vida? Há a fome, a pobreza, o desespero, o egoísmo, a mesquinharia; de outro lado há a liberdade, a jovialidade, o parque de diversões. A estrada de Kerouac é uma via de mão dupla.

Referências

BIVAR, Antonio. *Alma Beat*. Porto Alegre: LP&M, 1984.

- BUENO, André; GOÉS, Fred. *O que é a geração Beat*. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- DELEUZE, Gilles. *Bergsonismo*. Trad. Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Editora 34, 2012.
- _____. *Diferença e repetição*. Trad. Luiz Orlandi e Roberto Machado. São Paulo: Graal, 1988.
- _____. *Conversações*. Trad. Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 1992.
- _____. *Crítica e Clínica*. Trad. Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 1997.
- _____. *Lógica do sentido*. Trad. Luiz Roberto Salinas Forte. São Paulo: Perspectiva, 2011.
- _____. *Nietzsche e a filosofia*, Trad. Ruth Joffily e Edmundo Fernandes Dias. Rio de Janeiro: Editora Rio, 1976.
- DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. *Diálogos*. Trad. Eloísa Araújo Ribeiro. São Paulo: Escuta, 1998.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Kafka: por uma literatura menor*. Trad. Cíntia Vieira da Silva. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2014.
- _____. *Mil Platôs*. v. 2. Trad. Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. São Paulo: Editora 34, 2011.
- _____. *O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia*. Trad. Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Editora 34, 2011.
- _____. *O que é filosofia?* Trad. Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. São Paulo: Editora 34, 2010.
- FORNAZARI, Sandro Kobol et al. *Deleuze hoje*. São Paulo: Editora Fap-Unifesp, 2014.
- HOLLADAY, Hilary; HOLTON, Robert. *What's your road, man? Critical Essays on Jack Kerouac's On the road*. Illinois – USA: Southern Illinois University Press, 2009.
- KEROUAC, Jack. *On the road*. Trad. Eduardo Bueno. Porto Alegre: L&PM Editora, 2004a.
- _____. *On the road*. London: Penguin Books, 2004b.
- _____. *On the road, o manuscrito original*. Trad. Eduardo Bueno e Lúcia Brito. Porto Alegre: L&PM Editora, 2011.
- _____. *Selected Letters – vol. 1 1940-1960*. Penguin Books, 1996.